

ILUSÕES *versus* REALISMO

EMPAREDADOS

-
- [O Brasil está impregnado de ódio, ignorância e desesperança](#) - Marcos Rolim
 - [NÓS CONTRA ÊLES: Você está mesmo disposto a mudar de opinião?](#) - Bruna Radaelli
-

From: Manfredo Winge
Sent: Thursday, July 26, 2018 7:06 PM
To: José Oswaldo de Araújo Filho
Subject: Marcos Rolim: EMPAREDADOS

Prezados/prezadas colegas, amigos e demais,
Ver a seguir..

© ZERO HORA 17/06/17 - <http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniaao/columnistas/marcos-rolim/noticia/2017/06/emparedados-9817893.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o link** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

Emparedados

O Brasil está impregnado de ódio, ignorância e desesperança Marcos Rolim

Sociólogo e jornalista

17/06/2017 - 05h10min | Atualizada em 17/06/2017 - 05h10min

No domingo, eu havia terminado o livro *Em nome dos pais*, de Matheus Leitão (Intrínseca, 448 págs), um mergulho nos anos 70, época da prisão e tortura de seu pai, Marcelo Netto, e de sua mãe, Miriam Leitão e, por isso, estava envolvido pela narrativa que tentou juntar alguns dos cacos doloridos de uma história que o Brasil segue sem conhecer. De um lado, o livro nos mostra o "Camaleão", um dos algozes de Miriam, reconhecido por Inês Etienne Romeu, a única sobrevivente da "Casa da Morte" de Petrópolis, como um dos torturadores que a estupraram. De outro, nos apresenta uma jovem de 19 anos, grávida, presa por "atividade subversiva" (no caso, distribuir panfletos contra a ditadura), que é espancada e humilhada por 30 dias em um quartel, o que inclui a experiência de ser trancafiada nua, no escuro, uma noite inteira, com uma jiboia, instrumento de terror do coronel Paulo Malhões, torturador e assassino confesso, agraciado pelo Exército com a "Medalha do Pacificador", mesma honraria concedida ao também coronel, mas nunca assumido torturador e assassino, Carlos Alberto Brilhante Ustra. Foi essa Miriam menina que, diante de uma Corte Militar, pesando 38 quilos, disse: "Meritíssimo, eu fui torturada".

Postei em minhas redes a sugestão de leitura, como faço com frequência. Então, alguém escreveu que Miriam estaria, hoje, ao lado dos "golpistas". Argumentei, lembrando a importância de trabalhos dela, a começar pelo documentário sobre Rubens Paiva, uma das produções mais importantes já realizadas na TV sobre a ditadura. Nenhum efeito. Miriam seria uma "neoliberal" e o fato de eu a defender era o bastante para que o crítico não mais acompanhasse minha página. No comentário seguinte, uma mulher escreveu que também não poderia mais me seguir. O motivo: a indicação de um livro sobre "uma senhora que apoiou o comunismo". Assim, em alguns centímetros, inclinações à esquerda e à direita se encontravam

na intolerância. Na terça-feira, Miriam relatou, em sua coluna no Globo, o incidente com um grupo de petistas em um voo.

A raiva de muitos petistas contra Miriam Leitão merece análise. A jornalista tem posições liberais em economia — o que contraria o PT que prefere intervir na economia. Na prática, como se sabe, para ajudar os grandes empresários. Miriam já classificou Reinaldo Azevedo e Constantino como "membros da direita hidrófoba" e tem repudiado Bolsonaro. O que importa, entretanto, é que a jornalista foi crítica da política econômica dos governos petistas, denunciando, inclusive, a farra do BNDES. Logo... só pode estar a serviço do capitalismo, da CIA ou do Tinho! Nessa tradição, se o farol do socialismo iluminar, digamos, uma foto de Lula com Maluf, há que denunciar a conspiração dos fotógrafos ou ensinar aos alienados que a dialética tem enigmas que só os guerreiros do povo brasileiro dominam. O estilo dispensa o pensamento, mas exige a santa ira do profeta. A verdade, que se deveria procurar a léguas desses mitos, vira caricatura e seria risível não fossem suas consequências.

O Brasil está impregnado de ódio, ignorância e desesperança. Não consigo imaginar combinação mais perigosa. As agressões verbais que Miriam segue sofrendo é outra nota da "paixão triste" que se alimenta do ressentimento. Enquanto isso, o país, emparedado pela rapinagem e pela ausência de projetos, vê monstros submersos há décadas iniciarem seu desfile na vizinhança. Os discursos de ódio montam palanques à direita e à esquerda no Brasil já faz tempo. Muitos petistas foram hostilizados, inclusive em momentos de aflição como na sala de espera de um hospital ou em um velório. A obtusidade não tem limites e mesmo filhos de petistas já foram estigmatizados. Há quem se divirta com o espetáculo. Experiências do tipo deveriam estimular a esquerda a valorizar a diferença de opiniões e os direitos humanos. Pelo contrário, entretanto, o que se vê, para além das declarações protocolares, é a subcultura do "escracho", a mesma prática odiosa da extrema-direita, com o agravante de que ela nunca é o resultado da imbecilidade avulsa. Por trás dos que ofendem Miriam há uma ideologia que imagina ter descoberto o sentido da história, o caminho, a verdade e a vida, e um partido incapaz de aprender e de fazer uma autocrítica sincera.

Comentários & Réplicas

From: Manfred Winge
Sent: Thursday, July 26, 2018 7:06 PM
To: José Oswaldo de Araújo Filho
Subject: Marcos Rolim: EMPAREADOS

Prezados/prezadas colegas, amigos e demais.

A Internet, nosso espetacular “recipiente cibernético” de grande parte do conhecimento humano, também é cheia de mentiras, crendices, ataques covardes, falseamento e invenção de fatos (*fake news*), etc. veiculados por extremistas, ignorantes e/ou idiotas que buscam destruir sites, as imagens de líderes, de formadores de opinião, e até de pessoas comuns que não compactuem com as suas convicções radicais.

As consequências estão aí.. Não há necessidade de elencá-las; todo mundo sabe: - são incendiárias e destruidoras. Não constroem nada!!

Na verdade, tudo isto reflete o que já existia dormente nas “sociedades” mas que naqueles tempos quase não tinha incidência por exigir trabalho publicando em jornal, etc. e por que tinha que se “mostrar a cara” e defender posições com boa argumentação. Tempo este que dava até para desistir ou maturar e corrigir ideias distorcidas antes de divulgá-las. Agora, não: propagam-se e repercutem-se, na velocidade da luz e de forma avassaladora, pelas rede “sociais” a um simples “click”, muitas coisas ruins, apocrifamente, sem piedade nem compromisso com a verdade e, muitas vezes, sem avaliar, irracionalmente.

Apesar de não concordar com muitos dos textos de Marcos Rolim, acho que no artigo transcrito a seguir, publicado há um ano atrás (mas super válido ainda hoje), ele apresenta um posicionamento que é digno de muitos elogios por colocar o dedo na ferida já purulenta das ideologias e práticas extremistas e dos comportamentos execráveis que as acompanham.

Boa leitura

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm>[confraria democrática do bom senso]

From: Arno Bertoldo
Sent: Friday, July 27, 2018 7:40 AM
To: Manfredo Winge
Subject: RE: Marcos Rolim: EMPAREDADOS

Caro Manfredo,

Muito bom o texto do Marcos Rolim, muito bom o seu trabalho de divulgação.

Abs.

Arno

From: Manfredo Winge
Sent: Friday, July 27, 2018 9:42 AM
To: Arno Bertoldo
Subject: Re: Marcos Rolim: EMPAREDADOS

Valeu, prezado Arno, obrigado.

From: Marcelo Aiquel
Sent: Friday, July 27, 2018 9:29 AM
To: 'Manfredo Winge'
Subject: RES: Marcos Rolim: EMPAREDADOS

Desculpe caro “Manfra”, mas ler o Rolim escrever sobre intolerância é o mesmo que uma pessoa com deficiência física grave querer jogar na seleção do Tite.

O cara é um ressentido por natureza, filhote do PT e, de quebra, publicou um artigo recentemente pugnando pela inocência do Lula.

Dissimulado como só ele, não me serve como norte. Espero, sinceramente, que para ti também não.

Forte abraço

From: Manfredo Winge
Sent: Friday, July 27, 2018 10:02 AM
To: Marcelo Aiquel
Subject: Re: Marcos Rolim: EMPAREDADOS

Marcelo, sei que o Rolim apresenta frequentemente artigo intragáveis; alguns eu critiquei, outros nem me dei ao trabalho porque o *partie pris* dele era escrachado.

Dentro de uma *tática tipo cavalo de Tróia* para que fanáticos que confiam nele, Rolim, reflitam, democraticamente, sobre o assunto em pauta, encaminhei esse artigo o qual, sem dúvidas, está bem escrito e lúcido com relação à crítica necessária aos dogmatismos apoiando ou criticando candidatos de qualquer lado político.

Esses dogmatismos, sejam religiosos, políticos ou outros, com suas verdades acabadas e princípios pétreos repercutidos nas redes cibernéticas, peitam e ferem a democracia.

Abraço

Manfredo

“NÓS CONTRA ELES” – DEBATES E POLARIZAÇÃO

©Caderno DOC – ZERO HORA 9-10/12/2017

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2017/12/voce-esta-mesmo-disposto-a-mudar-de-opiniao-cjawpe14608t501mkb6xmsth5.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o *link*** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

Você está mesmo disposto a mudar de opinião?

Característica de tempos polarizados, a incapacidade de mudar de opinião pode, sim, ser explicada pela Ciência

Bruna Radaelli

bruna.radaelli@zerohora.com.br

Até um almoço de domingo, em família, tem sido um desafio para muitos brasileiros. Assim como entrar no Facebook, dirigir até o trabalho ou tomar um chope no happy hour. Não há reduto que permaneça intocado pela polarização radical de opiniões. Essa expressão, que tem se tornado cada vez mais cotidiana, ilustra a dicotomia política que o Brasil vive desde, pelo menos, as **manifestações de junho de 2013**. Muito mais do que a simples discordância de ideias, a polarização indica, no atual contexto, uma negação ao debate, promovendo um cenário de intolerância que a cada dia se torna mais comum – na vida “real” ou no ambiente virtual.

Pablo Ortellado, professor de políticas públicas da Universidade de São Paulo (USP) e **pesquisador da polarização política nas redes sociais**, destaca que o tema deixou o cenário social “mais pesado”:

– Há um antagonismo de tal ordem que acabou gerando comportamentos automáticos. Se um determinado campo é a favor de uma coisa, o outro é automaticamente contra. É a negação instantânea, simplesmente a partir do que alguém acredita que o outro representa.

A verdade não é tão importante no mundo polarizado. Em tempos de **notícias falsas** e ódio online, títulos de reportagens valem mais do que seu próprio conteúdo e comportamentos automáticos são reforçados constantemente de acordo com o círculo social no qual estão inseridos. Mas não se sinta mal. A culpa não é sua; é de todos nós, segundo a ciência. Ou melhor: a culpa é dos 3 milhões de anos de seleção natural que transformaram aquele homínido lascador de pedras em um comentarista frenético de Facebook.

O cérebro humano é uma estrutura complexa e que desafia os cientistas até hoje. Além de ser o principal órgão do sistema nervoso central, capaz de coordenar pensamento e movimento, o cérebro permite às pessoas interagir com o meio ambiente, promovendo a comunicação e a relação com outros seres. E a verdade é que fazer tudo isso dá muito trabalho. Em repouso, o cérebro humano consome cerca de 20% da energia total produzida pelo corpo – o suficiente para acender uma lâmpada de 25 watts. Não é à toa que você evoluiu de forma a, sempre que possível, economizar sua bateria. Mas de que maneira isso se relaciona ao fato de mudar ou não de ideia durante uma discussão?

A professora Keitiline Viacava, doutora em psicologia pela UFRGS, explica que, para compreender as funções do cérebro, é possível dividi-lo em dois sistemas diferentes, embora interconectados. O primeiro, mais primitivo, é comumente chamado de “sistema 1”. É a parte intuitiva da mente, muito influenciada pelas emoções e pelo hábito. Foi isso que possibilitou aos primeiros homínidos seguirem ativos e protagonistas mesmo em cenários de extrema dificuldade. Esse sistema também é conhecido como límbico, e por muito tempo foi considerado o “cérebro emocional”.

Já o “sistema 2” é aquele no qual ocorre um tipo de processamento mais elevado, considerado o pensamento racional. É nessa área que as informações são analisadas para que se tornem ações controladas. Aqui já passa a existir um processo de planejamento, deliberação e execução. Trata-se de uma área que evoluiu junto da espécie humana, possibilitando a criação de campos das ciências como a lógica, a matemática e a física.

Sobre a ideia da “economia energética” reforçar comportamentos guiados pela emoção, a professora explica que é muito complicado processar todos os estímulos que uma pessoa recebe – imagem, som, cheiro, sensações térmicas: uma enxurrada de informações a cada milissegundo. Assim, o cérebro precisa agir “no automático”, reproduzindo padrões que já foram previamente considerados seguros. E não só em ações simples, como não colocar a mão no fogo. Aqui entram problemas complexos, como aceitar ou não uma informação que contradiga uma visão de mundo. Keitiline exemplifica:

Nossos estudos sugerem que a polarização surgiu no primeiro semestre de 2014, ou seja, não é um comportamento que sempre fez parte da sociedade brasileira. O pensamento polarizado teve uma data de início no país.

PABLO ORTELLADO

Filósofo, coordenador do projeto Monitor do Debate Político Digital

– Somente pensar antes de agir não significa necessariamente que estamos sendo racionais. Podemos estar utilizando a área analítica do nosso cérebro, mas é importante entender que temos uma tendência natural a reforçar aspectos que garantem nosso bem estar. Conceitos como prazer e perigo estão enraizados dentro de outros mais complexos. Por exemplo: mudar de opinião gera desconforto, ou seja, um gasto energético, algo que vai contra nosso sistema límbico.

Muito disso pode ser compreendido quando confrontado com um conceito da psicologia cognitiva chamada viés de confirmação. Difundido na década de 1990 por meio dos estudos do psicólogo israelense Daniel Kahneman, a ideia mostra que, mesmo em situações nas quais estão amplamente amparadas por dados objetivos, as pessoas não tomam decisões 100% racionais, baseadas apenas na lógica. Pelo contrário: tendem a agir de forma emocional e ignorar diversas informações no momento da escolha.

Esse estudo, que deu a Kahneman o prêmio Nobel de Economia (ele é um teórico das chamadas finanças comportamentais, hoje com 83 anos), foi marcante no campo dos vieses comportamentais. Diversos já foram descobertos e catalogados pela psicologia cognitiva, entretanto, poucos se mostram tão presentes na sociedade contemporânea quanto a tendência de confirmação.

O professor de psicologia da PUCRS Tércio Soares explica que esse viés nada mais é do que a tendência de um indivíduo cercar-se de pessoas que tenham a mesma visão de mundo que ele:

– O ser humano é predisposto biologicamente a ter uma certa visão da sociedade, e mudá-la é custoso. Para não gerar estresse, as pessoas buscam o que confirma seu ponto de vista e ignoram o que o desacredita. Isso é perceptível no futebol: quando penso que meu time foi prejudicado, minhas avaliações deixam de ser neutras. Passo a lembrar muito mais de quando ele foi lesado do que de quando foi favorecido.

O desconforto que leva algumas pessoas a se esquivarem de indivíduos, grupos e fontes de notícias que as façam sentir inseguras é o que a psicologia comportamental chama de dissonância cognitiva. Para evitar essa incoerência entre o mundo exterior e o mental é que as pessoas tendem a alimentar, mesmo de que forma inconsciente, o viés de confirmação.

O outro, um inimigo

Para a ciência, sempre que alguém toma uma decisão, três áreas da mente são acionadas: a afetiva, a cognitiva e a comportamental. Para entender a interação delas, usemos o tabagismo como exemplo:

uma pessoa pode não gostar de cigarro (afeto), pode pensar que fumar faz mal à saúde (cognição) ou, por fim, pode não querer ficar perto de fumantes (comportamento).

– Dessa forma, toda atitude é um somatório desses três domínios – explica Keitiline Viacava.

A questão é que, às vezes, uma dessas áreas fala mais alto, sobrepondo-se às demais. Sobretudo em uma discussão familiar, ou em um post de rede social, fica difícil dissociar todos os gatilhos afetivos e comportamentais dos fatos puros e simples. Essa dificuldade que você sente é o que a ciência chama de viés de confirmação: tudo ao seu redor parece colaborar para manter sua opinião como ela está. É aí que começa o perigo da polarização.

Quer uma chance para ver o viés de confirmação agindo? Faça um exercício rápido enquanto lê esta reportagem. **Pense no nome Getúlio Vargas.** O que vem à mente? Para muitos, a imagem de um grande líder político que consolidou as leis trabalhistas no Brasil e, não por acaso, tornou-se conhecido como “o pai dos pobres”. Para outros, a imagem que ficou é a de um ditador que, em sua cruzada contra o comunismo nos anos 1930, foi capaz de extraditar a judia alemã Olga Benário, então grávida de Luís Carlos Prestes, o que a condenou aos campos de concentração nazistas.

Entender o outro como inimigo foi um recurso útil para nossa evolução. Mas, hoje, essa herança presta apenas um desserviço. Transformamos o Facebook na nossa 'selva contemporânea' e deixamos aflorar lá essas características. Somos homens das cavernas com redes sociais.

TÁRCIO SOARES

Professor de Psicologia da PUCRS

Vargas foi uma das figuras mais controversas da história política do país. É possível cultuar imagens díspares de sua atuação e de seu legado – sempre amparado por fatos. Escolher um lado é algo natural. Fechar-se nele e refutar todo o resto é, mais uma vez, o viés de confirmação agindo.

O viés de confirmação é uma consequência natural do processamento cerebral, que tende a “eleger uma realidade” confortável e lutar para mantê-la. Essa ideia ficou evidente a partir do trabalho do psicólogo social polonês Henri Tajfel (1919–1982). Defensor da teoria da identidade social, Tajfel destacou a tendência do ser humano a classificar a sociedade em um genérico sentimento de “nós contra eles” e a ter um preconceito implícito com tudo o que é diferente.

No estudo de Tajfel, um grupo de pessoas foi dividido por base na preferência de determinado gênero artístico – um conceito aleatório. Os participantes não sabiam desse interesse em comum com os demais, não conheciam os outros envolvidos na pesquisa e sequer cogitavam interagir com eles no futuro. Com base nisso, os times realizaram tarefas de uma gincana, acumulando pontos em atividades e desafios.

Em certo ponto, foram apresentadas duas opções: na primeira, era possível prejudicar as pessoas do outro grupo, fazendo com que cada uma delas perdesse US\$ 100. A contrapartida seria que você e seu grupo também perderiam uma quantidade considerável de dinheiro. A outra opção era presentear o outro grupo com US\$ 100, fato que faria você e seu grupo também serem beneficiados com uma boa quantia.

Na pesquisa de Tajfel, a esmagadora maioria dos participantes escolheu prejudicar o grupo “rival”, abrindo mão do próprio bem-estar para que o adversário sofresse. Esse tipo de comportamento surgiu de forma natural, apenas após um curto período de interação. Se tão pouco tempo já foi suficiente para as pessoas desenvolverem um senso de pertencimento capaz de influenciar suas ações, o que uma exposição prolongada a temas como política, religião e sexualidade pode fazer?

– Entender o outro como inimigo foi um recurso útil para nossa evolução, já que, no passado, era preciso disputar com grupos questões como território e recursos. Mas, hoje, essa herança evolutiva presta apenas um desserviço. Transformamos o Facebook na nossa “selva contemporânea” e

deixamos aflorar lá essas características. Nossos esquemas mentais ainda estão presos ao nosso passado. Somos homens das cavernas com redes sociais – reflete Tércio Soares.

De fato, as redes sociais parecem ser um grande palco para as opiniões polarizadas. Diante desse aspecto, o filósofo e professor Pablo Ortellado deu início ao projeto Monitor do Debate Político no Meio Digital, na esperança de entender ao menos o viés político da polarização que tem tomado conta da sociedade ocidental.

Responsável por quantificar e avaliar o conteúdo produzido por mais de 200 sites e 500 páginas de Facebook que abordam temas como política, ambientalismo, questões do movimento feminista, negro e LGBTQI e reações do campo conservador a essas esferas, o monitor de Ortellado analisa – com a ajuda de um robô – um fluxo de mais de 6 mil notícias e postagens diárias.

– Nossos estudos mostram que a polarização surgiu no primeiro semestre de 2014, ou seja, não é um comportamento que sempre fez parte da sociedade brasileira. O pensamento polarizado teve uma data de início, o que significa que houve fatores que provocaram essa mudança – explica.

Segundo Ortellado, os protestos de junho de 2013 foram o primeiro passo para o surgimento da polarização. Junte a isso o julgamento do Mensalão e os primeiros resultados da Operação Lava-Jato e você terá o cenário atual: **muitas postagens na internet, muitas brigas em almoços de família e pouca informação concreta.**

As curtidas e a "dor social"

O Facebook, rede social acessada por 100 milhões de brasileiros, funciona como um potencializador de visões de mundo predeterminadas. Isso porque seus algoritmos analisam o comportamento de cada usuário, oferecendo postagens e conteúdos de acordo com seus interesses.

– O fato de as pessoas passarem muitas horas por dia lendo, publicando e escrevendo suas opiniões nesses ambientes virtuais fortalece a sensação de grupo e a própria emoção individual sobre os temas discutidos, já que, no Facebook, você está sendo gratificado pela sua opinião por meio de curtidas e comentários – explica Tércio Soares.

Esse é outro detalhe da mente humana que pode ser analisado de forma mais objetiva. Estudo encomendado pela empresa Ford mostra que 62% dos adultos têm melhor autoestima depois de serem curtidos e compartilhados em redes sociais. Além disso, cientistas já concluíram que a rejeição e a exclusão em ambientes virtuais geram dor social, ativando inclusive as mesmas áreas do cérebro que processam dor física.

A pergunta que fica, no fim das contas, é se as pessoas estão mesmo dispostas a mudar de “lado”. A ciência é categórica: não é fácil, há esforço envolvido, mas é possível, sim, desenvolver novas opiniões sobre algum assunto. Você só precisa treinar seu cérebro para reconhecer os sinais. Um dos primeiros e mais relevantes talvez seja a falta de opiniões diferentes da sua em seu círculo social. Por que isso acontece? Agora que você já se familiarizou com os termos, basta se perguntar quais vieses comportamentais o seu almoço em família no final de semana está reforçando. Estariam todos fugindo de qualquer tipo de dissonância cognitiva entre o prato principal e a sobremesa?

Por via das dúvidas, uma boa dica é seguir o conselho que a **filósofa, escritora e professora Márcia Tiburi** compartilhou na sua palestra InteligênciaPontoCom: pelo menos evite se tornar paranoico. Segundo ela, toda pessoa incapaz de mudar de opinião apresenta uma personalidade paranoica, que despreza totalmente o valor do diálogo.

– Esse tipo de indivíduo é aquele que não consegue conversar porque simplesmente não sabe fazer isso – diz Márcia. – Ele organiza o mundo a partir de um padrão de conhecimento no qual tudo está pronto, e olha tudo à luz de suas próprias experiências. Sendo assim, o que vem de fora, para ele, só

pode representar perigo ou ser falso. O paranoico é incapaz de reconhecer que as experiências dos outros podem ampliar seu próprio horizonte.

O centrão ignorado

O jornalismo é um dos campos que sentem as consequências da polarização. Ao se encaixar em uma “turma ideológica”, as pessoas muitas vezes apenas reproduzem conceitos genéricos sobre temas complexos – discursos não raramente embasados na leitura apenas de títulos de reportagens ou mesmo na repercussão de notícias falsas. O resultado, em inúmeros casos? Interlocutores cansados de falar com quem se nega a ouvir.

– As possibilidades de se discutir algo mais complexo, que exige certo tempo de estudo, análise e debate, não compensam mais. E se esse sentimento se abate sobre nós, que somos jornalistas, o que não acontece com a pessoa comum, que vê só gritaria por todo lado? – questiona Jeronimo Teixeira, colunista da revista Veja.

Teixeira acredita que muitas vezes comunicadores se preocupam apenas em tentar convencer os lados polarizados, esquecendo da parcela de público que fica no meio do caminho. Para ele, o interlocutor que “parte de um ponto de vista mais moderado” tem sido preterido:

– É uma pena, pois é melhor dialogar com o público moderado do que com o sujeito que vai em caixas de comentários destilar ofensas.

Esse sentimento de ódio e raiva não pode servir como desculpa para não discutirmos política na esfera pública. É muito fácil dizer que, por causa da insalubridade do debate, você prefere não participar.

XICO SÁ

Jornalista e comunicador

Quem enxerga o momento atual de forma mais otimista é o [jornalista Xico Sá](#), que considera o debate contínuo nas redes sociais um “fenômeno lindo”. Ele defende a ideia de que nunca antes se discutiu tanto a política quanto hoje no Brasil, o que é sinal de amadurecimento.

– Falar diariamente e sem censura sobre a nossa cidadania é algo fenomenal. Talvez em alguns momentos, e são muitos, admito, não exista civilidade nessas discussões. Mas isso é parte do processo. Acho que só o fato de avançarmos para esse momento já é bom demais – comenta Sá.

Outra tese que o jornalista defende é a de que a polarização de opiniões é o reflexo de uma sociedade que ainda está pouco acostumada a debater:

– Esse sentimento de ódio e raiva não pode servir como desculpa para não discutirmos política na esfera pública. É muito fácil dizer que, por causa da insalubridade do debate, você prefere não participar. Não acredito que vamos ter um final hollywoodiano, feliz nas discussões estabelecidas, mas prevejo um processo no qual vamos aprendendo e discutindo cada vez melhor com os outros. É nesse sentido que sou otimista.

De acordo com dados do Monitor do Debate Político no Meio Digital, apenas uma pequena parcela da população brasileira está, de fato, polarizada: algo em torno de 10% a 15%. O que faz esse número parecer maior é uma mistura de vícios cognitivos e algoritmos do Facebook, capazes de potencializar em 20% o processo de se deparar apenas com coisas que estão de acordo com suas crenças em sua timeline.

– Dos 100 milhões de usuários brasileiros do Facebook, apenas 12 milhões estão claramente divididos: 7 milhões no campo antipetista e 5 milhões na esquerda, além dos cerca de 1 milhão de pessoas que se dizem ao centro. Ou seja, trata-se de um número pequeno se pensarmos na totalidade dos usuários – explica Pablo Ortellado.

A verdade é que existem mais pessoas “no meio do caminho” do que se pode imaginar. De acordo com pesquisa encomendada ao Instituto Idea Big Data e divulgada em novembro pelo jornal Valor Econômico, as posições dos brasileiros são menos conservadoras do que indicam as redes sociais. O olhar mais ponderado da maioria indica, então, que as pessoas estariam mais dispostas a mudar de opinião? Não necessariamente. O risco e a incerteza, advindos de fatores biológicos ou sociais, são algo que nossa espécie aprendeu a evitar ao longo da evolução.

Talvez uma solução seja o bom humor, como sugere Sá:

– Você não pode deixar que a polarização governe a sua vida. Meu conselho é: vai transar! Mas depois volte e continue discutindo, de modo civilizado. Todos vão sair ganhando...

Comentários & Réplicas

De: Manfredo Winge
Enviada em: domingo, 18 de outubro de 2020 21:27
Para: Manfredo Winge
Assunto: "NÓS CONTRA ELES" - DEBATES E POLARIZAÇÃO

Prezados políticos, colegas e demais,
no, já não tão novo, ambiente cibernético que hoje domina o mundo, questões variadas vêm sendo “discutidas” de forma rígida e grosseira, por conta da perda de diálogo entre as pessoas e, pior, na área da política as “verdades” de cada um tendem a ser definitivas não se aceitando nem a discussão da realidade factual se esta não seguir a linha ideológica ou de crença adotada pelo pretense “debatedor”.

E quem perde, com isto, é a Democracia e, conseqüentemente, toda a sociedade humana envolvida nestes “debates” de rigidez cadavérica mas com debatedores em plena carga de adrenalina. Muitos dizem que não agem assim,... Será? O pior é que a tendência viciante deste processo esquizofrênico é de só olharmos os fatos que “acolhem” a “nossa realidade” (nossos dogmas e crenças,.. nossa realidade)!!!

Como não posto em *Facebook*, mas em *site* onde a vantagem é que comentários que recebo são mais pensados, estimulando a discussão com argumentos, não fico viciado em receber *likes* e *dislikes* automatizados (além de outras vantagens como privacidade).

O artigo, organizado pela cronista da Zero Hora, Bruna Radaelli, traz estas questões para conhecimento e discussão, utilizando-se dos pontos de vista e conclusões de vários especialistas e debatedores destes assuntos.

Esta matéria, com seus comentários e réplicas, será postada em:

“EMPAREDADOS” - <http://mw.eco.br/zip/emails/ILREA180726Emparedados.pdf>

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (foi-me enviado por e-mail)

Voltar para: [SITE](#) ou para: [Ilusões versus Realismo](#)



ENVIE SEUS COMENTÁRIOS

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**,... é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE [Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail](#)

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione ‘Ctrl’ e ‘F’ simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre